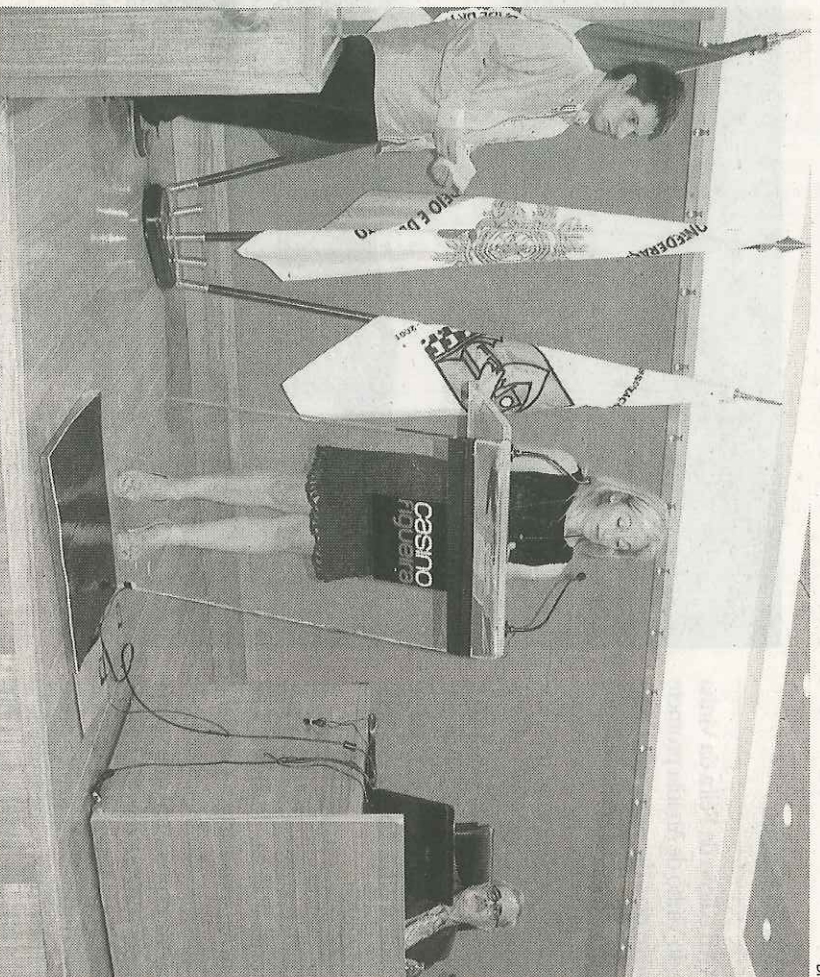


O associativismo justifica um “apoio mais esclarecido”

Casino Palavras de José Bernardes, na entrega do prémio literário associativista Azenha Gomes, instituído pela ACCFF



DR

Rui Marques, Sandra Gomes e Carlos Fernandes

O prémio literário associativista António Azenha Gomes foi entregue na noite de domingo, no Casino Figueira, numa cerimónia da Associação de Colectividades do Concelho da Figueira (ACCF), em que se comemorou o Dia Nacional do Associativismo. O vencedor foi Rui Filipe Marques com o trabalho que incide sobre a vida da Tuna Souzense, “Música, associativismo e mobilização social. As tunas no contexto do associativismo cultural português”. O prémio, no valor de 1.500 euros (patrocinado pelo Casino), que visa homenagear Azenha Gomes, falecido há cerca de um ano e que dedicou parte da sua vida ao movimento associativo, foi entregue pela filha, Sandra Isabel Gomes e permite «perpetuar a sua memória», conforme dita a presidente da ACCFF, Olga Brás.

O júri foi presidido por José Augusto Bernardes (docente da Universidade de Coimbra e director da Biblioteca Joa-

nina), que admitiu também ele dever «muito às colectividades da minha terra (Brenha)», e explicou que não foram muitos os trabalhos a concurso, mas «foram de muito mérito», sendo o vencedor escolhido por unanimidade. «Foi muito gratificante para mim ler este trabalho», salientou.

O programa da noite também englobou uma tertúlia sobre “Competição e solidiedade – desafios para um associativismo saudável”, com o psicólogo Carlos Fernandes a salientar a importância do associativismo no desenvolvimento humano e social, ensinando a «recrear, auto-competir, respeitar o adversário, tolerar as diferenças, ser justo, dizer a verdade, ajudar».

Rui Filipe Marques foi o vencedor da 1.ª edição do prémio literário, com o trabalho sobre a Tuna Sousense

Por seu lado, José Bernardes referiu-se ao nascimento do associativismo na cidade e no concelho, defendeu que este não se explica «sem a força excepcional de algumas pessoas concretas que viviam em Tavarède, Brenha, Quilatos e Figueira (ensaiadores, maestros, dirigentes e outros), que arrastaram outros». Pessoas, sem as quais «o movimento associativo não teria alcançado nessas terras, o nível que alcançou». E defendeu «que é necessário que o associativismo se pense», para encontrar «formas de corresponder às necessidades das pessoas como elas são hoje». Para José Bernardes é «necessário um grande esforço» dos dirigentes «de quem tem o poder a nível nacional e autárquico. O associativismo justificava um apoio mais esclarecido», diz o docente universitário.

A abrir/lançar a sessão, bastante participada, esteve o Grupo de Metais da Boa União Alhadense. <